

COMUNICAÇÃO EM LIBRAS: A IMPORTÂNCIA PARA O ENFERMEIRO ODS (3)

Luciane de Mattos Moraes Lisboa (Universidade de Taubaté)

Gabriel dos Santos Martins (Universidade de Taubaté)

Teresa Celia de Mattos Moraes dos Santos (Universidade de Taubaté)

Resumo

Introdução: A comunicação é importante para toda a sociedade permitindo que o ser humano se comunique com seus povos para expressar e reconhecer os sentimentos uns dos outros. É uma peça chave das relações interpessoais, assim como a inclusão social de grupos vulneráveis em serviços de saúde. Os deficientes auditivos, porém ainda sofrem situações insatisfatórias em unidades hospitalares, pois a equipe de enfermagem está despreparada para o atendimento dessas pessoas. **Objetivo:** Identificar o conhecimento de enfermeiros sobre a comunicação não verbal e como isso interfere na qualidade da assistência prestada ao cliente. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica com o enfoque exploratório. Foram incluídos estudos primários e secundários disponíveis na íntegra, publicados em periódicos nacionais, publicados em português. Foram utilizados artigos da base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) publicados entre os anos de 2006 a 2019. A questão norteadora desse estudo foi “Se os enfermeiros não possuem conhecimento sobre linguagem de sinais, como isso pode interferir diretamente na qualidade do atendimento?”. A busca dos artigos foi realizada entre os meses de abril e outubro de 2020 e foram encontrados 207 artigos que abordavam a palavra-chave libras, quando associada a palavra-chave enfermagem ficaram 20 artigos, e após a associação da palavra-chave comunicação apenas sete artigos atenderam a metodologia aplicada. **Resultados:** Os surdos não conseguem uma boa comunicação com profissionais da saúde uma vez que esses profissionais não apresentam qualificação adequada para tal comunicação. As enfermeiras não tem o conhecimento de libras, de modo que, costumam escrever. **Conclusão:** O conhecimento em Libras tornaria o atendimento de pessoas com surdez mais efetivo em uma instituição de saúde. Observou-se que há uma necessidade prioritária de uma melhor formação do enfermeiro sobre as formas de comunicação com os surdos. Isso contribuiria significativamente para a elevação do nível de qualidade da atenção à saúde, mas também para a inclusão e integração social dos surdos na sociedade.

Palavras-chave: Comunicação; Libras; Enfermagem.

Introdução

A comunicação é muito importante para a sociedade, ela permite que o ser humano em toda sua vida se comunique com seus povos, para assim se expressar e reconhecer seus sentimentos (Souza; Porrozzi, 2009). E a comunicação não verbal vai muito além de palavras, envolvem movimentos, expressões e não se restringe só a isso, podem-se usar danças, culturas, pinturas, fotografias e outros meios (Cunha *et al.*, 2019).

Outro meio utilizado é a língua de sinais que durante muito tempo, foi deixada de lado o que preocupou muitos pais e professores que não sabiam como lidar com a dificuldade do ensino. Somente depois da década de 50 que a língua de sinais começou a ser mais valorizada no Brasil (Silva, 2014).

Com o tempo a linguagem dos surdos vem se atualizando oferecendo mais acesso aos que precisam se comunicar. A Libras teve origem na linguagem de sinais francesa, e possui expressões e regionalismos próprios do Brasil. Em 24 de abril de 2002, a Lei nº 10.436 foi sancionada, reconhecendo a Libras como meio legal de comunicação e expressão no país. Desde então, vários avanços foram feitos. Em 22 de dezembro de 2005 foi promulgado o Decreto nº 5.626 que regulamenta a Lei nº 10.436, esse processo, torna a Libras reconhecida como a segunda língua oficial do país, após a língua portuguesa (Karsten *et al.*, 2017).

A política nacional para integração da pessoa portadora de deficiência auditiva estabelece opções para o melhor atendimento para essas pessoas, de forma que esse atendimento seja mais bem capacitado, qualificado e eficiente para o profissional da saúde (Karsten *et al.*, 2017).

A comunicação é a peça chave em relações interpessoais, assim como a inclusão social de grupos vulneráveis nos serviços de saúde e para compreender as necessidades são fundamentais o conhecimento da linguagem para surdos. Pois a pessoa surda tem uma grande dificuldade na comunicação tradicional, gerando assim a necessidade de desenvolver habilidades para facilitar essa interação. Adaptar técnicas para ajudar o paciente é indispensável, principalmente quando a comunicação fica tão difícil (Chaveiro; Barbosa, 2005).

O processo entre enfermeiro e pessoas com deficiência auditiva muitas vezes não é algo satisfatório com isso acaba tornando falha à comunicação entre os meios (Souza; Porrozzi, 2009). Entretanto, os deficientes auditivos ainda vivenciam situações não satisfatórias em unidades hospitalares. E com isso a equipe de saúde está despreparada para o atendimento em relação a esta necessidade especial, o que prejudica o atendimento prestado (Karsten *et al.*, 2017).

Diante da dificuldade de comunicação entre equipe de enfermagem e seus clientes com deficiência auditiva, sem intermediadores para tal comunicação, e sabendo que esse processo é fundamental para a qualidade do atendimento acredita-se ser essencial um treinamento básico que permita o aprendizado de todo e qualquer profissional da saúde na língua de sinais brasileira.

Diante deste contexto é possível refletir se os enfermeiros não possuem conhecimento sobre linguagem de sinais, como isso pode interferir diretamente na qualidade do atendimento?

Assim, este trabalho procura demonstrar a importância da linguagem não verbal para o melhor atendimento e a melhor comunicação entre o profissional de enfermagem e seu cliente.

Segundo estudos, parte dos profissionais enfermeiros tem consciência da importância da comunicação não verbal, porém não a dominam, e desta forma este trabalho tem por objetivo “Identificar o conhecimento de enfermeiros sobre a comunicação não verbal e como isso interfere na qualidade da assistência prestada ao cliente”.

Revisão da literatura

Língua brasileira de sinais

A primeira escola de língua de sinais surgiu em 1760 na cidade de Paris, na França, sendo modificada depois por outros países. No Brasil antes da década de 50 a língua de sinais era o método que ninguém falava e quase ninguém sabia para que servisse e somente no Sec. XIX, após o imperador Dom Pedro II convidar Ernest Huet, fundador da primeira escola de surdos mudos da França, para ensinar

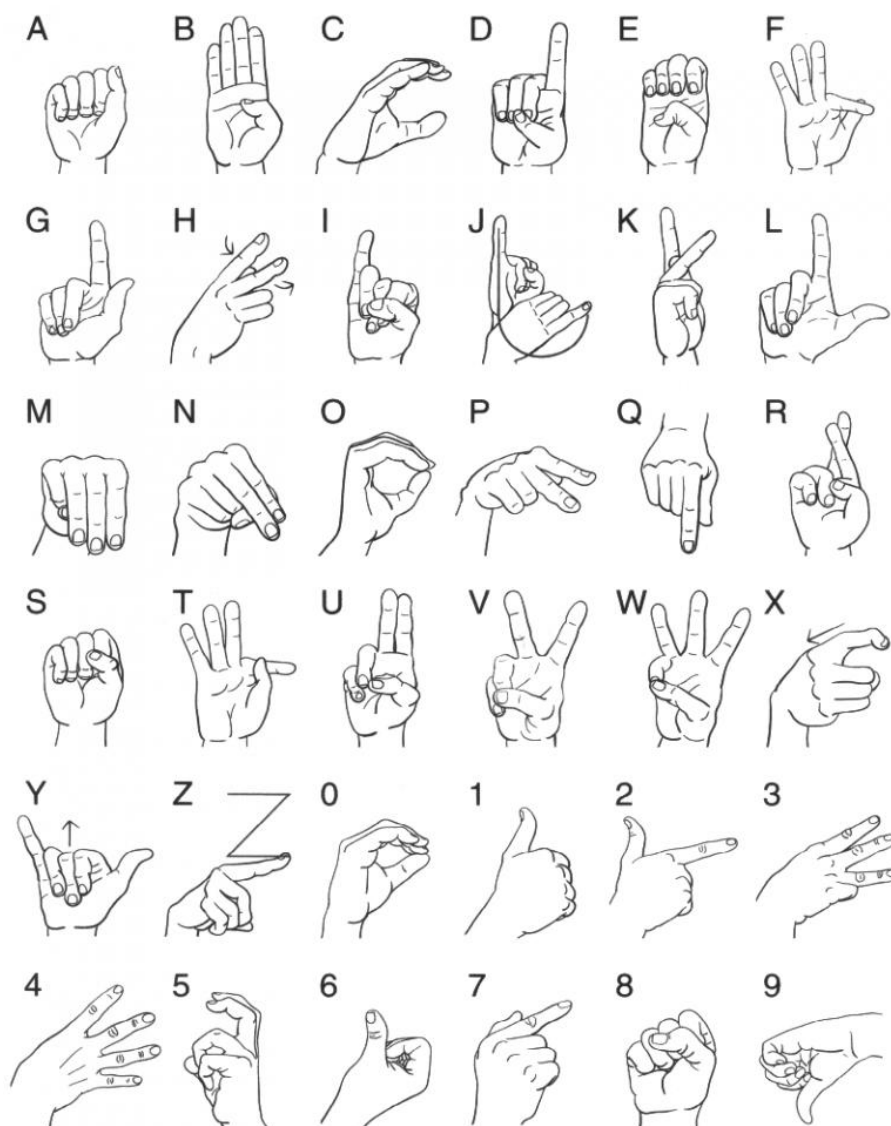
surdos no Brasil. A partir de então que a população brasileira conheceu a língua de sinais (Silva, 2014).

Na idade contemporânea surgiu um conflito entre dois métodos de educação, para as pessoas surdas, o oralismo e o gestualismo. O método oralista ele se baseava nas ideias que os surdos poderiam aprender a linguagem oral, era só questão de estudo e estímulo, já o método gestualismo baseava que os surdos tinham uma linguagem própria assim usando apenas ela para educação e comunicação, com isso muitos dos surdos optaram pela forma oralista assim os ouvintes também se adaptaram. Em um congresso mundial de professores em 1880, foi discutido e decidido que os surdos só seriam educados pelo método da oralização sem nenhum tipo de sinal. Somente após muita discussão foi decidido que o método oral não era suficiente, passando a ser utilizado o método de conhecimento total abrangendo o conhecimento da língua de sinais, linguagem oral e outros meios utilizados na educação de surdos, facilitando assim a comunicação (Silva, 2014).

A partir da fundação do Instituto Nacional de Educação de surdos houve muita repercussão em todo Brasil, facilitando para muitos profissionais a entenderem e explorarem esse novo recurso e com isso criando a língua brasileira de sinais, mas isso nem sempre teve uma boa aceitação, muitos educadores criticavam esse método de ensino acreditando que a linguagem oral ainda fosse o melhor método (Silva, 2014).

As pesquisas sobre libras tem se fortalecido muito principalmente após o reconhecimento da política da língua nacional no Brasil. Com o tempo a tecnologia foi favorecendo as análises e pesquisas em libras por meio de ferramentas, assim produzindo um identificador de sinais que são sinais pré-definidos e padronizados para transcrever o conteúdo para a pessoa com deficiência auditiva. Dentro disso as pesquisas começam a adentrar em novas áreas que não eram tão aprofundadas como políticas linguísticas, análise de discursos, com isso o futuro promete algo inovador de forma interessante sobre o estudo da língua de sinais, assim com novas formas de olhar e entender com outros olhos os surdos (Quadros; Pizzio, 2007; Mcclary *et al.*, 2010). Na Figura 1 apresenta-se o alfabeto em Libras.

Figura 1 – Alfabeto em Libras



Fonte: Pinterest (2017).

Libras na enfermagem

Normalmente os profissionais da saúde não sabem como se aproximar e comunicar com a pessoa com deficiência auditiva, sendo necessário ter orientações e saber quais os graus de perda auditiva. A perda auditiva está relacionada com a localização das estruturas do aparelho auditivo, por tanto é imprescindível realizar a pesquisa dos limiares tonais por via aérea e via óssea, para determinar o tipo de perda, conforme indicado no Quadro1 (Silman; Silverman, 1997).

Quadro 1 - Classificação do tipo de perda auditiva.

Tipo de perda	Características
Perda auditiva condutiva	Limiares de via óssea menores ou iguais a 15 dBNA e limiares de via aérea maiores do que 25 dBNA, com gap aéreo-ósseo maior ou igual a 15 dB.
Perda auditiva neurossensorial ou sensorio neural	Limiares de via óssea maiores do que 15 dBNA e limiares de via aérea maiores do que 25 dBNA, com gap aéreo ósseo de até 10 dB.
Perda auditiva mista	Limiares de via óssea maiores do que 15 dBNA e limiares de via aérea maiores do que 25 dBNA, com gap aéreo ósseo maior ou igual a 15 dB.

Fonte: Silman e Silverman (1997).

Quando o grau da perda esta relacionado diretamente com a habilidade de ouvir e a fala, existem diversas classificações que caracterizam o grau, conforme indicado no Quadro 2 (Lloyd; Kaplan, 1978).

Quadro 2 - Classificação do grau da perda auditiva de acordo com Lloyd e Kaplan.

Média tonal	Denominação	Habilidade para ouvir a fala
≤ 25 dBNA	Audição normal	Nenhuma dificuldade significativa.
26 - 40 dBNA	Perda auditiva de grau leve	Dificuldade com fala fraca ou distante.
41 - 55 dBNA	Perda auditiva de grau moderado	Dificuldade com fala em nível de conversação.
56 - 70 dBNA	Perda auditiva de grau moderadamente severo	A fala deve ser forte; dificuldade para conversação em grupo.
71 - 90 dBNA	Perda auditiva de grau severo	Dificuldade com fala intensa; entende somente fala gritada ou amplificada.
≥ 91 dB NA	Perda auditiva de grau profundo	Pode não entender nem a fala amplificada. Depende da leitura labial.

Fonte: Lloyd; Kaplan (1978).

A comunicação é um instrumento básico e essencial para um atendimento de qualidade por um profissional de saúde, deve ser eficiente percebendo as principais necessidades não só dos pacientes com deficiência auditiva como dos demais (Marquete *et al.*, 2018).

Portanto, para que ocorra uma boa interação enfermeiro/paciente deve-se haver uma comunicação satisfatória entre os mesmos, afinal a equipe de

enfermagem deve procurar acalmar e passar tranquilidade para o paciente que será atendido por eles, somente assim o deficiente auditivo irá conseguir relatar seus sintomas de forma a facilitar seu diagnóstico e tratamento (Silva *et al.*, 2014).

Por esse motivo, todo profissional de saúde, mas principalmente o enfermeiro deve ter uma formação básica na língua brasileira de sinais, podendo compreender e visualizar melhor o cuidado com dignidade e qualidade para o indivíduo com deficiência auditiva (Silva *et al.*, 2014).

Segundo o relato de Junior Ramos, enfermeiro em Alagoas, para o Conselho Regional de Enfermagem, pessoas com deficiência auditiva chegam à unidade de saúde com quadro já evoluído para tratamento devido ao medo de não serem compreendidos ou seguirem um tratamento errado pela falta de comunicação e/ou entendimento do profissional que o aborda (Coren/AL, 2019).

Método

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica com o enfoque exploratório. Seguiu os seguintes passos: definição do tema e delimitação do mesmo com critérios de inclusão e exclusão de artigos, avaliação dos artigos, interpretação dos resultados e a elaboração do trabalho.

Para seleção das fontes foram considerados como critérios de inclusão os artigos que abordassem as palavras-chaves: libras, enfermagem, comunicação, foram excluídos aqueles que não atendiam a temática proposta. As palavras-chaves foram combinadas com os operadores booleanos “OR” e “AND”. Foram incluídos estudos primários e secundários disponíveis na íntegra, publicados em periódicos nacionais, e em português. Foram utilizados artigos da base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) publicados entre os anos de 2006 a 2019 e disponíveis *online* em texto completo.

A questão norteadora desse estudo foi “se os enfermeiros não possuem conhecimento sobre linguagem de sinais, como isso pode interferir diretamente na qualidade do atendimento?”

A seleção dos artigos foi realizada por meio da avaliação dos títulos, seguida:

- Leitura exploratória de todo o material selecionado (leitura objetiva, verificando se os artigos contemplavam a proposta do trabalho).
- Leitura seletiva (leitura mais aprofundada).
- Registro das informações no instrumento específico de avaliação (autores, título, revista, ano de publicação, objetivo, metodologia, resultados e conclusão). Conforme Quadro 3 e 4.

A busca dos artigos foi realizada entre os meses de abril e outubro de 2020, sendo encontrados 207 artigos que abordavam a palavra-chave libras, quando associada a palavra-chave enfermagem restaram 20 artigos, após a associação da palavra-chave comunicação permaneceu sete artigos validos, conforme consta no Quadro 3.

Quadro 3 – Artigos encontrados, 2020.

Descritores	Pesquisa SCIELO 2005 a 2020
Libras	207
Libras + Enfermagem	20
Libras + Enfermagem + Comunicação	7
Total	7

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Resultados e Discussão

Conforme apontado na metodologia, foram selecionados artigos que estavam dentro dos critérios estabelecidos. Foram avaliados vinte (20) artigos, dos quais apenas 7 (sete) estavam de acordo com a questão norteadora central deste estudo, não se desviando, portanto, da temática a ser desenvolvida.

Quadro 4 - Registro das informações, 2020.

Autores	Título	Revista	Ano de publicação	Objetivo	Metodologia	Resultados	Conclusão
Neuma Chaveiro Maria Alves Barbosa	Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social	Revista Escola de Enfermagem da USP	2005	Discutir a assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social; Investigar junto aos surdos como se estabelece o vínculo com os profissionais da saúde; Verificar percepções dos surdos quanto à presença de intérpretes de língua de sinais, quando recebem assistência à saúde.	Pesquisa descritivo-analítica, com abordagem qualitativa realizada em uma escola especial em Goiânia. A amostra constou de 20 alunos surdos, utilizou a entrevista semiestruturada.	A comunicação é importante para qualidade de vida assim os profissionais de saúde oferecem o melhor atendimento.	As dificuldades dos surdos quando procuram atendimento, sendo dever de todos colaborarem para uma sociedade inclusiva.
Adriane Helena Alves Cardoso Karla Gomes Rodrigues Maria Márcia Bachion	Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde.	Revista Latino Americana de Enfermagem	2006	Caracterizar as percepções da pessoa com surdez severa ou profunda sobre o processo de comunicação no contexto do seu atendimento por profissionais de saúde.	Estudo descritivo de abordagem qualitativa. 11 pessoas com surdez severa e/ou profunda foram entrevistadas usando-se LIBRAS. As interações foram gravadas em fitas VHS e transcritas, mantendo-se a construção gramatical característica da expressão destas pessoas.	Mediante análise temática emergiram três categorias: Entendimento, Necessidade de Intermediação e Sentimentos.	O surdo não tem alcançado uma comunicação efetiva durante o atendimento de saúde, no qual experimenta sentimentos negativos, necessitando da presença de um profissional intérprete.

Lorita Marlena Freita Lorita Marlena Freitag Pagliuca Nara Lúgia Gregório Fiúza Cristiana Brasil de Almeida Rebouças	Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo	Revista Escola de Enfermagem da USP	2007	Explorar aspectos da comunicação da enfermeira com os deficientes auditivos.	Estudo descritivo- exploratório, realizado em hospitais de Fortaleza de maio a junho de 2004 mediante entrevistas abertas analisadas qualitativamente.	As enfermeiras percebem que é difícil a comunicação com o deficiente auditivo, embora algumas tenham desempenho satisfatório. Nesse processo, algumas referem utilizar tanto a comunicação não verbal, por mímica e leitura labial, como a comunicação verbal oral e escrita.	Para aperfeiçoar a comunicação, sugere-se o preparo profissional na graduação e cursos de LIBRAS. Existe a dificuldade da enfermeira ao se comunicar com o deficiente auditivo.
Yanik Carla Araújo de Oliveira Gabriela Maria Cavalcanti Costa Alexsandro Silva Coura Renata de Oliveira Cartaxo Inácia Satiro Xavier de França	A língua brasileira de sinais na formação dos profissionais de enfermagem, fisioterapia e odontologia no estado da Paraíba, Brasil.	Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação.	2012	Analisar os projetos pedagógicos de cursos de graduação em Enfermagem, Fisioterapia e Odontologia, quanto à inclusão do componente Libras e aos parâmetros que norteiam esta ação educativa na formação dos profissionais, para assegurar a integralidade e humanização da assistência.	Trata-se de estudo transversal e documental com abordagem qualitativa. Realizado em 25 cursos da Paraíba, Brasil.	O estudo mostra que metade dos cursos oferecem libras.	A mudança na formação dos profissionais ainda precisa ser acompanhada e avaliada.

Alessandra Santos Sales Roberto Ferreira de Oliveira Edna Maria de Araújo	Inclusão da pessoa com deficiência em um Centro de Referência em DST/AIDS de um município baiano	Revista Brasileira de Enfermagem	2013	Conhecer a opinião dos profissionais de saúde sobre a inclusão das pessoas com deficiência nas atividades de acolhimento, prevenção e tratamento em um Centro de Referência em DST/AIDS.	As falas foram submetidas à técnica de análise de conteúdo de Bardin, participaram os profissionais da enfermagem.	Os profissionais conduzem seu serviço no sentido da inclusão, buscando formas de comunicação que alcancem essas pessoas, como o uso das Libras, adequação da estrutura física, igualdade de atendimento e entendimento das vulnerabilidades dessa população.	É preciso uma articulação eficaz do serviço com gestores e atores políticos na construção e adequação de programas e políticas públicas para alcance equitativo e inclusão dessa população.
Raphaela Marques Lopes Karsten Nubia Garcia Vianna Eliete Maria Silva	Comunicação do surdo com profissionais de saúde na busca da integralidade	Saúde e Pesquisa	2017	Problematizar e identificar a concepção do surdo quanto à comunicação com os profissionais de saúde.	Estudo de abordagem qualitativa, realizado em uma cidade do interior de São Paulo.	Foi dividido em dois temas: relação profissional-paciente surdo e promoção da autonomia do paciente.	Existem barreiras para surdos devido à dificuldade de comunicação com os profissionais.
Raiane Pereira Silva Cunha Mayara Cândida Pereira Maria Liz Cunha de Oliveira	Enfermagem e os cuidados com pacientes surdos no âmbito hospitalar	Revista de Divulgação Científica Sena Aires - Revisa	2019	Descrever as dificuldades enfrentadas por profissionais na assistência e comunicação com pacientes surdos.	Estudo de revisão de literatura.	A maioria dos profissionais não possui capacidade para oferecer assistência de qualidade.	Os serviços de saúde ainda são deficitário devido baixo conhecimento dos profissionais.

Chaveiro e Barbosa. (2005) citam que o valor da linguagem está relacionada com pessoas que fazem aspectos verbais e não verbais, assim a assistência ao surdo na saúde é difícil e são poucos os profissionais que abordam esse uso. Oliveira *et al.* (2012) mencionam que pessoas com algum tipo de deficiência enfrentam algumas dificuldades nas atividades diárias, assim também tendo problemas para usufruir os serviços de saúde. Com isso o fato da necessidade de desenvolvimento sobre a assistência aos surdos assegura a comunicação.

Karsten *et al.* (2017) relatam que uma comunicação eficaz permite conhecer o outro e auxiliar na integridade da relação, porem uma pessoa que só se comunica por meio de sinais quando entra em contato com um profissional da saúde não é bem atendido pelo fato do obstáculo e do comprometimento com o cuidado. Cunha *et al.* (2019) avaliam que os enfermeiros devem ter mais conhecimentos sobre a língua de sinais, para uma melhor assistência na saúde, assim favorecendo os atendimentos, pois o baixo nível de comunicação dos profissionais possibilita ausência de recursos.

Pagliuca *et al.* (2007) observaram que pessoas com surdez e aqueles que têm alguma audição precisam de considerações especiais para a comunicação, mas suas necessidades são diferentes daquelas que usam a linguagem de sinais. As pessoas surdas que usam a linguagem de sinais são um dos grupos mais incompreendidos no Brasil em termos de comunicação, geralmente não se consideram portadores de deficiência. Em vez disso, se consideram membros de uma minoria linguística e não querem consertar os ouvidos.

Segundo Cardoso *et al.* (2006) as pessoas surdas geralmente têm laços fortes com outras pessoas surdas. Esses indivíduos têm sua própria comunidade com normas sociais, costumes, arte, história e cultura diferentes da comunidade de ouvintes. Embora algumas pessoas surdas possam falar e / ou ler lábios até certo ponto, se seu principal meio de comunicação for a língua de sinais, não se pode confiar nesses métodos ao discutir assuntos sérios como saúde. Ler os lábios é notoriamente difícil. Como as regras da linguagem falada e da linguagem de sinais são muito diferentes, muitos surdos têm dificuldade em dominar o português.

Para Pagliuca *et al.* (2007) os enfermeiros encontram dificuldades, pois às vezes existem diferentes fatores de distração que interferem no processo de

comunicação, a habilidade e o conhecimento em Libras é um deles. A capacidade limitada de comunicação das pessoas surdas e o não fornecimento de *feedback* adequado por parte da enfermeira pode afetar negativamente a cooperação ativa da pessoa surda e a implementação bem-sucedida dos cuidados de saúde.

Para Sales *et al.* (2013) existem quatro formas diferentes de comunicação para pessoas surdas: escrita, leitura labial, alfabeto manual e linguagem de sinais. Uma transferência bem-sucedida de mensagens para pessoas surdas depende dos métodos de comunicação das enfermeiras. A maioria dos surdos usa leitura labial, fala ou escrita. Os surdos, que usam a escrita, pedem ao enfermeiro que anote a pergunta, bem como que explique por escrito as ordens que recebeu.

Ainda para Sales *et al.* (2013) a comunicação eficaz entre enfermeiros e surdos é um elemento essencial do cuidado de enfermagem, mas a educação de enfermagem sobre como se comunicar com pessoas surdas é insuficiente. A formação do enfermeiro nesta área é predominantemente informativa, o que não contribui para o desenvolvimento de competências necessárias à prática cotidiana. Oliveira *et al.* (2012) citam que a mudança na formação dos profissionais ainda precisa ser acompanhada e avaliada.

Para Cardoso *et al.* (2006) os enfermeiros muitas vezes se comunicam de forma inadequada e não têm o conhecimento e as habilidades para entender as necessidades de comunicação da pessoa surda. É possível buscar motivos na necessidade não cotidiana, na conexão insuficiente entre teoria e prática, mas também na sensibilidade insuficiente que surge não só em geral, mas também na comunidade científica para as necessidades dos surdos.

Para minimizar os problemas de comunicação dos dois lados, Pagliuca *et al.* (2007) compreenderam ser necessário elaborar detalhadamente programas educacionais para o enfermeiro, com ênfase na comunicação com os surdos. Isso é importante, principalmente porque os enfermeiros estão em contato contínuo com os surdos quando chegam a uma instituição de saúde e podem ajudar a garantir que os surdos recebam cuidados de qualidade adequados. Usando uma boa comunicação, os enfermeiros podem fornecer cuidados de saúde eficazes para pessoas surdas.

Conclusão

O ato da comunicação está implícito no cotidiano do ser humano, fazer com que uma pessoa entenda a outra efetiva o ato de eloquência onde um fala e o outro compreende. Quando se trata da comunicação com pessoas surdas é imperativo que haja o entendimento entre as partes, tanto o falante quanto o ouvinte. Esta questão por si já é benéfica independente de onde ela ocorre.

Pessoas surdas são iguais as outras pessoas, e sendo assim, possuem as mesmas necessidades, dentre elas um bom atendimento no sistema de saúde. Durante a elaboração deste trabalho observou-se a escassez de artigos e ou documentos que abordasse a importância da enfermagem em ter o conhecimento e ou o domínio da linguagem de sinais (Libras), o que deixa claro a necessidade de aprofundamento futuro, ou a elaboração de ensaios clínicos para que se possa ter um olhar mais aprofundado acerca do tema.

No entanto os resultados observaram que ao se comunicarem com os surdos as enfermeiras não tem o conhecimento de Libras, de modo que, costumam mostrar e escrever. O que caracteriza a necessidade de conhecimento da língua de sinais, uma vez que, a mesma está ligada à iniciativa de cursar educação complementar. Sendo também importante a presença de um intérprete em uma instituição de saúde para uma comunicação eficaz.

O conhecimento em Libras tornaria o atendimento de pessoas com surdez mais efetivo em uma instituição de saúde. Observou-se que há uma necessidade prioritária de uma melhor formação do enfermeiro sobre as formas de comunicação com os surdos. Isso contribuiria significativamente para a elevação do nível de qualidade da atenção à saúde, mas também para a inclusão e integração social dos surdos na sociedade.

Referências

Cardoso, Adriane Helena Alves; Rodrigues, Karla Gomes; Bachion, Maria Márcia. Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 14, n. 4, 2006.

Chaveiro, Neuma; Barbosa, Maria Alves. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 39, n. 4, p. 417-422, 2005.

Coren. Conselho Regional de Enfermagem de Alagoas. Enfermeiro usa Libras para Humanizar atendimento ao paciente surdo. [Internet]. 2019. Disponível em: <https://corenalagoas.org.br/enfermeiro-usa-libras-para-humanizar-atendimento-ao-paciente-surdo/>. Acesso em: 18 jun 2020.

Cunha, Raiane Pereira Silva; Pereira, Mayara Candida; Oliveira, Maria Liz Cunha de. Enfermagem e os cuidados com pacientes surdos no âmbito hospitalar. **REVISA (Online)**, v. 8, n. 3, p. 367-377, 2019

Karsten. Raphaela Marques Lopes; Vianna, Nubia Garcia; Silva, Eliete Maria. Comunicação do surdo com profissionais de saúde na busca da integralidade. **Saúde e Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 213-221, 2017.

Lloyd, Lyle L; Kaplan Harriet. **Audiometric interpretation: a manual of basic audiometry**. University Park Press: Baltimore; 1978. p. 16.

Marquete, Verônica Francisqueti; Costa, Maria Antônia Ramos; Teston, Elen Ferraz. Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, p. e24055, 2018.

Mccleary, Leland; Viotti, Evani; Leite, Tarcísio de Arantes. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa**, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010.

Oliveira, Yanik Carla Araújo de; Costa, Gabriela Maria Cavalcanti; Coura Alexsandro Silva; Cartaxo, Renata de Oliveira; França, Inacia Sátiro Xavier de. A língua brasileira de sinais na formação dos profissionais de Enfermagem, Fisioterapia e Odontologia no estado da Paraíba, Brasil. **Interface – Comunicação saúde e educação**, v. 16, n. 43, p. 995-1008, 2012.

Pagliuca, Lorita Marlena Freitag; Fiúza, Nara Ligia Gregório; Rebouças, Cristiana Brasil de Almeida. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 41, n. 3, p. 411-4118, 2007.

Pinterest. Linguagem de sinais. 2017. Disponível em: <https://www.pinterest.com/pin/330803535107703182/>. Acesso em: 18 jun 2020.

Quadros, Ronice Müller de; Pizzio; Aline. **Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora**. Salles, H. (org.) Editora da UnB. 2007.

Sales, Alessandra Santos; Oliveira, Roberto Ferreira de; Araújo, Edna Maria de. Inclusão da pessoa com deficiência em um Centro de Referência em DST/AIDS de um município baiano. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 2, p. 208-214, 2013.

Silman, Shlomo; Silverman Carol Ann. **Basic audiologic testing**. In: Silman, Shlomo; Silverman Carol Ann. Auditory diagnosis: principles and applications. San Diego: Singular Publishing Group, 1997; 44-52.

Silva, Daniel Neves. **"Língua Brasileira de Sinais (Libras)"**; Brasil Escola. 2014. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-sinais-libras.htm>. Acesso em: 10 abr. 2020.

Silva, Paulo Sergio da; Basso, Neusa Aparecida de Souza; Fernandes, Sônia Regina Chaves Martines. A enfermagem e a utilização da língua brasileira de sinais no atendimento ao deficiente auditivo. **Revista UNINGA**, v. 17, n. 1, p. 5-12, 2014.

Souza, Marcos Torres de; Porrozzi, Renato. Ensino de libras para os profissionais da saúde: uma necessidade premente. **Revista Práxis**, ano I, n. 2, p. 43-46, 2009.